

POLÍCIA

Meu amigo imaginou uma reportagem boa: passar 24 horas numa delegacia de Polícia do Rio acompanhando todo o serviço. Escolheu um distrito da Zona Norte, com cinco morros atopetados de favelas — só um deles com 50 mil pessoas. O repórter não resistiu as 24 horas. Viu tanta tristeza, tanta miséria, achou o xadrez tão imundo, a Polícia tão sem meios de ação, sem carros para acudir nos crimes, sem leito de hospital para feridos ou doentes, que enjoou de tudo, foi-se embora de coração encolhido, achou melhor não escrever nada.

É preciso, na verdade, ter a alma bem endurecida para entrar em contacto com esse mundo torvo e torto do crime pobre. Nossas grandes cidades e, mais do que todas, o Rio, tem hoje concentrações tão densas de gente pobre, ignorante e doente, que eu não sei como os crimes não são em número ainda maior, não sei como não há explosões de revolta ou surtos de epidemias assassinas capazes de aterrorizar toda a população. O problema não é, certamente de polícia, e a polícia nunca poderá resolvê-lo. O problema é de educação, de higiene, de economia, de assistência e de justiça social; ele começa nas palhoças de barro perdidas pelas distâncias do Brasil, no drama do trabalhador rural que emigra para tentar uma vida de menos miséria e menos abandono. Mas desde que ele existe e enquanto ele existe, o papel da polícia é tremendamente difícil, penoso e delicado. Exigiria, por isso mesmo, uma organização com recursos amplos e com um pessoal numeroso e habilitado. Habilitação psicológica, profissional e moral que só acontece por milagre, que não pode ser a regra geral em uma corporação mal recrutada e mal paga, agindo em um meio essencialmente corrupto e corrutor, com uma tarefa perigosa e complexa. O melhor chefe de polícia e os melhores delegados e comissários — e nesses três escalões temos tido homens de capacidade e de caráter, ao lado de meros bandidos — não podem fazer muito quando lhes falta quase tudo em homens, em instalações, em meios de ação. A tradição é péssima, os males vêm de longe, os erros, os crimes e as falhas se acumulam de maneira desanimadora. O bom policial tem de ser um verdadeiro herói para não se perverter, cansado de resistir ao meio, ou não se afundar numa disciplicância completa. Os homens de poder e de dinheiro são os primeiros a fazer sobre a polícia uma pressão desmoralizadora e às vezes irresistível. Guardo de meus tempos de repórter policial — hoje não sei se teria estômago para assistir as coisas dolorosas que assisti — uma lembrança penosa, tanto mais quanto pude sentir quanta coisa justa e boa a polícia poderia fazer se tivesse homens e meios para isso.

Compreendo o desgosto de meu amigo. Ele viu, em algumas horas, alguns flagrantes melancólicos da degradação humana. Essa miséria toda não é coisa de se ver. O ideal seria esquecê-la; mas para isso é preciso jogar fora a consciência, criar com a imaginação outro mundo, sonhar com os morros apenas brochas com Azael Alves no meio, alegres e pitorescos de violões e casorrindo, de casaca branca e Elizete Cardoso com vestido de "soirée"...

10/6/53

R. B.

4/10